

ENGRENAGEM OU DESAPARECIMENTO DO CORPO? QUESTÕES ACERCA DO FPS EM UM CASO CLÍNICO DE PSORÍASE

Tatiana Carvalho Assadi

“Quanto ao sujeito do inconsciente, ele engrena sobre o corpo” (LACAN, 1973, p.535). Parto desta afirmação de Lacan em *Televisão* questionando, a priori, o significado léxico da palavra ‘engrenar’. Em português, ‘engrenar’ tem a mesma conotação de engranar, ou seja, enfiar, encadear, endentar. Estaria o sujeito do inconsciente encadeado sobre o corpo? Enfiado sobre o corpo? Debrucei-me sobre esta afirmação e arrisco, muito tímida e talvez, antecipadamente, indagar e demonstrar o que do Real e do Imaginário explodem fulgurantemente na carne de Leonardo .

Pois bem, se tomo a palavra ‘carne’, ainda poderia questionar seu estatuto de signo que a negativiza e produz a separação entre aquilo que nomeamos corpo e aquilo que é nomeado de carne.

No seminário XX - *Mais, ainda* –Lacan (1972-73/1985) nos apresenta a tese do sintoma como acontecimento de corpo. Todos aqui presentes sabem que muitos seminários, cartéis e demais formas de transmissão da psicanálise desde os anos 70 tem se debruçado a decodificar esta expressão, para mim ainda enigmática. Estudando na Rede de Pesquisa em Sintoma e Corporeidade chegamos a questionar se existiria alguma distinção entre acontecimento de corpo, do corpo e no corpo. Soler (2010) nos foi um excelente guia para as dúvidas, todavia ainda em um beco sem saída, com mais questões do que respostas, decidi, então, trazer um fragmento clínico, no qual aposto que houve uma aparição de fenômeno psicossomático para pensar com vocês estas questões.

Como as personagens que são convocadas ao mergulho no mar infinito do belíssimo texto de Mishima, Leonardo sente-se atraído para o mar. Nervoso, somente atinge momentos de calma e contemplação ao escutar as ondas da maré que se chocam com as minúsculas partículas da areia ou ainda, no sublime ato de avistar no horizonte os primeiros raios solares que avisam a hora do seu primeiro mergulho.

Ao mesmo tempo, são o olhar e o som que o lembram frequentemente que seu corpo existe e encontra-se adoecido. Escuta os estalidos das feridas que rompem sua pele e produzem vermelhidões espalhadas pelos joelhos, pernas e cotovelos e, portanto, são estas mesmas feridas que ferem sua visão. Olhar seu corpo é insuportável, escutar a explosão das feridas é amedrontante, sente sua pele em chamas e nomeia-se “carne viva”.

Frequentou médicos, buscou tratamentos alternativos, espirituais e ou milagrosos que nada lhe adiantaram na cura da afecção dermatológica: a psoríase. Restou-lhe a psicanálise como última possibilidade, ou melhor, amparado pela fala de outrem recebeu a ordenação à psicanálise como uma direção ao seu mal estar. Conduzido às primeiras entrevistas com descrédito e – mais além – descrença, chega ao consultório relutando em falar. Não podia acreditar que uma “terapêutica” pela fala pudesse afetar seu corpo marcado.

É pelas marcas que Leonardo começa a se apresentar. Reduz-se às descrições e “horrores” corporais. Gesticula, aponta os dedos para as partes do corpo em que foi invadido pela psoríase e esbraveja utilizando um vocabulário de baixo calão. Mostra a parte inferior das pernas levantando as calças em uma convocação do olhar da analista. Ao falar das lesões nos cotovelos novamente expõe a pele avermelhada e, ao dizer da psoríase no couro cabeludo ergue as mãos como se estivesse arrancando seus cabelos.

Traça, depois de inúmeras entrevistas, hipóteses para o aparecimento de sua lesão, momento em que como uma ventosa se gruda a estas como causadoras e “destruidoras de seu ser”. Suas primeiras lesões apareceram quando ele era ainda uma criança, aos seis anos. Naquela época era briguento e rigoroso com seus afazeres e como resultado estava sempre de “cabeça quente”. Certa vez enquanto pensava insistentemente sua cabeça esquentou e uma coceira súbita surgiu no couro cabeludo de onde soltaram-se “casquinhas escurecidas”. Como remédio para este ardor a mãe, sábia e protetora, receitou-lhe que esfriasse a cabeça. Explico. Esfriar a cabeça para ela era uma forma de barreira ao pensamento, era preciso mergulhar no mar gelado para construir este dique. Lembra-se que depois deste feito tanto a coceira quanto a escamação melhoraram significativamente. Aos 16 anos, portanto, 10 anos mais tarde, depois de ter fumado maconha com os amigos atropelou uma pessoa de bicicleta. Imediatamente sentiu a carne arder em chamas, como se estivesse queimando e placas vermelhas se espalharam por algumas regiões do seu corpo. Dias depois estas placas começaram escamar e obteve o diagnóstico de psoríase. Sem saber o que este “palavrão” significava, ingeriu alguns remédios que não se recorda quais foram e espalhou pelo corpo cremes, sendo assim, após dois meses sua pele voltou ao normal.

Mais um episódio ocorrido 10 anos depois. Aos 26 anos, quando ainda namorava, depois de levar sua garota ao aeroporto para uma visita familiar, ele estacionou seu carro em um posto de gasolina se abastecendo de guloseimas numa pequena loja de conveniência. No local encontrou uma amiga dos tempos da faculdade, trocaram olhares e subitamente sentiu-se atraído por ela. Depois de uma pequena conversa dirigiram-se ao motel. Enquanto faziam sexo Leonardo sentiu que algumas regiões de seu corpo estavam “rascando de tanto calor”, uma coceira intermitente o envolvia e quando foi se vestir verificou novas placas em seu corpo que rompiam sua pele.

De dez em dez anos um episódio invadia o corpo de Leonardo tornando-o um “carne-viva”. Tomaria ele a psoríase como uma punição? Sua hipótese era de que a doença tomou o lugar de sua “maldição” e não uma punição. Seu corpo era reduzido a lesão, o que me remeteu a *Conferência em Genebra sobre o sintoma*, lugar em que Lacan (1975/1988), respondendo a Valthier dirá sobre os doentes psicossomáticos que algo acontece endereçando à ordem do escrito e na maioria dos casos os psicanalistas não sabem lê-lo, logo, no mesmo texto emparelha o FPS a idéia de assinatura, de hieróglifo, de traço unário.

Pois bem, neste caso em particular um ponto surpreendeu-me para além da lesão de pele. Contou Leonardo que fez todo o tipo de tratamento, inclusive ingeriu remédio biológico, que somente é prescrito em casos em que todo o corpo do paciente é tomado pela afecção. Vale salientar que suas marcas eram localizadas em zonas de atrito, tais quais joelhos e cotovelos. Durante sua adolescência participou de muitos campeonatos de jiu-jitsu e de surfe, tornando-se um excelente esportista o que o autorizou a muitas viagens e grande quantidade de laços sociais. No entanto, sua vida foi desregrada em assuntos sexuais e de uso de entorpecentes. Quando iniciou as práticas esportivas disciplinou-se, deixando de lado orgias e vícios frequentes. Como marco para esta mudança subjetiva tatuou na pele o mar e um lutador de jiu-jitsu, conseguindo eternizar na carne seu amor pelo esporte e sua “salvação da vida mundana”.

Com a aparição “dela”, como Leonardo designou a lesão de pele, teve que parar de lutar porque a psoríase seria mais propensa a aparecer quanto maior o atrito da pele. Como nenhum dos tratamentos regrediu sua lesão após seus 26 anos optou por adornar sua pele com desenhos como formas de encobrir as manchas vermelhas e escamações da pele. Assim, a pequena tatuagem do mar foi ganhando contornos mais definidos, espécies diferentes de peixes e vegetação surgiram em regiões que a psoríase formava uma borda. Um coqueiro foi pintado em

uma das pernas e um sol em outra. As marcações corporais foram se expandindo pela extensão de sua pele para tentar compor junto com o desenho um cenário que apagaria a lesão. Em contrapartida, o que Leonardo não contava era que a psoríase, como uma “praga”, aumentou com os contornos da tinta colorida no órgão pele. Conclusão: ele não sabia mais aonde começava sua tatuagem e, tampouco, aonde terminava sua psoríase. As marcas foram se misturando umas às outras até produzirem uma fusão indiferenciada. Estava lá, Leonardo era um-todo marcado num corpo desaparecido.

Capturada por esta construção remeto o leitor novamente a um pequeno passeio pela Conferência em Genebra, lugar em que Lacan (1975-76) pontua que no FPS estamos diante da lógica do número e não da letra, da contagem e não da decifração. E ainda em seu seminário - *L'insu que sait de l'úne bévue s'aile à morre* - Lacan dirá que os três registros, as três consistências, R, S e I tem a estrutura de um toro, ou melhor, que o corpo tem a estrutura de um corpo. E, assim, que o sujeito pode ser representado justamente por este nó tórico. Minha hipótese arriscada é que nestes casos de FPS, ou melhor, neste caso em particular, o candidato à análise chega com um discurso que remeteria ao reviramento do toro. Ou seja, na direção da análise é preciso que o analista faça um corte no toro e produza seu reviramento, passando, necessariamente pela garrafa de Klein. Pensemos juntos. Se a questão é que toda identificação remete ao outro, a alteridade, logo o que está dentro passa para fora e vice-versa, acontece uma incorporação inevitavelmente. Se o corpo tem a estrutura de toro, pode-se dizer que o traço incorporado no FPS fica congelado, visível no corpo.

Em *RSI*, Lacan (1975/2006) trabalha a tese de que na passagem do Nome-do-pai para o Pai-do Nome, o pai cospe nomes pelo furo. Concluiria com isto que no FPS é o furo que cospe

nomes, é pelo furo que se alcança o nome incorporado pelo traço. O problema é como ler este traço que aparecerá somente pelo reviramento tórico?

Ao tratar do corpo estruturado como toro é ao corpo Imaginário que Lacan se refere, o que pode ser recuperado na Conferencia em Genebra e na A terceira. Não é o Real a ser interrogado no FPS, mas, justamente o Imaginário. Assim, toda incorporação sustenta um modo de gozo específico do congelamento do traço, uma incorporação do traço. Pode-se pensar no corpo como saco segundo a idéia transcrita por Lacan no Seminário XXIII. No FPS a incorporação deveria ser elevada a dignidade topológica? Se bem que toda identificação supõe um reviramento porque é uma incorporação. Na análise faz-se dois cortes, o primeiro para o reviramento do simbólico e o segundo do Real. No FPS o reviramento do toro se dá pelo imaginário, então é preciso pinçar o real para retornar a estrutura borromeana e instaurar outros dois cortes.

Diria que o toro já esta revirado no FPS, um reviramento muito particular, reviramento do Imaginário. Assim arrisco em dizer que o imaginário envelopa o Real e o simbólico que permanecem aprisionados pelo traço na parte interna do toro. Não afirmo de forma alguma que o nó esteja desfeito, mas, em casos de neurose como o de Leonardo, lá estaria o nó revirado (FPS) e é preciso, como manejo clinico diante da aparição do fenômeno psicossomático que a escuta – pinça do analista desvire o toro e o recomponha, ou seja, faça um corte diferente como manejo clinico.

Tentarei me explicar melhor, ou mostrar esta idéia, é pela carne, é na carne que Leonardo se gruda. Como carne viva apresenta-se e conta seu nome. Suponho que na passagem do nome-do-pai para o pai-do-nome algo falhou e possibilitou uma identificação ao traço, como bem trabalhado por Freud em Psicologia das massas. Eis o ponto, eu suponho.

Leonardo é identificado ao traço carne-viva-psoriase e fica aprisionado no imaginário. Portanto, se este escrito dado a não-ler engendra algo da ordem do número, da contagem, articulando o gozo a metonímia, poderia chegar-se a conclusão de que estaríamos diante do objeto da pulsão em sua relação com o significante isolado e não da cadeia significante.

Algo me faz questionar que o axioma “o inconsciente estruturado como linguagem”, tendo o significante e a interpretação como suas molas propulsoras não são suficientes para tratar o fenômeno psicossomático. É preciso avançar no ensino de Lacan e tomar a lesão como um gozo específico, gozo que poderíamos apostar ser um gozo Outro, situado na articulação borromeana entre real e imaginário. Assim, neste gozo, haveria uma fixação corporificando a libido, como um significante isolado e impresso na carne, fixado.

Pode-se concluir que o FPS surge na clínica muito mais como uma resposta do que como um enigma, faz obstáculo a perspectiva da elaboração de uma demanda ao Outro e traz interrogações sobre a direção do tratamento. Vem como um negativo da operação da extração do objeto, concernente a operação de incorporação da estrutura.

Leonardo como carne viva remete aos sentidos e percepções corporais. Escuta os estalidos das feridas, convoca o olhar de outrem, não se olha e sente o cheiro das escamações. É afetado pelos sentidos, pelas pulsões, sendo que o afeto não é um instrumento da técnica da decifração, ponto já apresentado por Freud ao falar que os afetos não eram confiáveis, pois se deslocam. O que quer dizer não confiável? O afeto faz signo/sinaliza (fait signe) de um saber não-sabido de lalíngua. (SOLER, 2010, p. 21).

O inconsciente estruturado como uma linguagem, elucubrado, decifrado que permite ao sujeito apropriar-se de algumas letras de seu sintoma não representa a lesão como uma formação de compromisso. O FPS é dado a não-ler, a não decifrar. É dado a assinar, revelar, como uma

formação de objeto *a*. Leonardo é assinado duplamente: sua tatuagem é em alto relevo. É pela leitura daquilo que foi cifrado e funciona como um efeito, talvez, de lalingua no corpo- efeito e afeto no corpo! Ao hipotetizar sobre sua lesão Leonardo imaginaria uma causa e se cola a ela, ao falar do corpo, carne morta e viva ele passa do registro do inominável à nomeação. A carne torna-se “corpo como depósito de traços invisíveis e incompreensíveis que podem ser materializados e endereçados a uma leitura” (SOLER, 2010). Esta foi sua entrada em análise, pelo pinçamento do traço que permitiu o re-reviremento do toro. Ou seja, justamente pelo desaparecimento do corpo que ele pode ser engrenado. Pela negativização do corpo e encarnação da carne que o sujeito do inconsciente engendra sobre o corpo. Caso contrario somente teríamos letras dadas a não-ler, sem revelação, como as letras FPS.

BIBLIOGRAFIA:

ASSADI, T. C. A-pele In: **A pele como litoral: psicanálise e medicina**. Org. Heloisa Ramirez e Tatiana Assadi. São Paulo: Editora Anna Blume, 2011.

ASSADI, T. C. DUNKER, C. I. L. **Alienação e separação nos processos interpretativos em psicanálise**. Psychê, ano VIII- n. 13, jan-jun/2004- p.85-100, São Paulo, 2004.

ASSADI, T. C.; PEREIRA, M. E. C. **O eclipse da mulher na presença do fenômeno psicossomático**. Psychê, São Paulo, p. 81-96, 2003.

ASSADI, T. C. e outros. **O menino e o efeito pirilampo. Um estudo em Psicossomática**. Ágora, Rio de Janeiro, v. 6, p. 99-114, 2003.

COSTA, Ana.. **Marcas Corporais e tatuagem**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

LACAN, J. O Seminário: livro 2: **o Eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise**. (1954-55). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1985.

_____. **O seminário: livro 3: as psicoses**. (1955-56). Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editora, 1992.

_____. Subversão do sujeito e dialético do desejo no inconsciente freudiano (1960) In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

_____. **Seminário da identificação** (1961-62). Publicação não comercial. Recife, 2003.

_____. O seminário: livro 11: **os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. (1964). Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editora, 1985b.

_____.(2005). Psicanálise e Medicina. In **Opção Lacaniana**. n. 32. São Paulo, 1966.

_____. **O seminário: livro XX: Mais, ainda**. (1972-73). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1985.

_____. Televisão. (1973) In: **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2003.

_____. **RSI**. (1975). Edição copiada. Não autorizada, 2006.

_____. O seminário: livro XXIII: **O sintoma**.(1975-76). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

_____. Conferência em Genebra sobre o Sintoma (1975) In: **Opção Lacaniana**. São Paulo, número 23- dezembro de 1998.

_____. **L'insu que sait de l'úne bévue s'aile à morre-** (1975-76). Edição não autorizada.

NASIO, J. –D. (1993). **Psicossomática: as formações do objeto a** . Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora.

SOLER, C. **Cadernos de Stylus** . São Paulo: Fórum do Campo Lacaniano, 2010.

WARTEL e outros. **Psicossomática e psicanálise**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editora, 2003.

SOBRE A AUTORA:

Tatiana Carvalho Assadi. Pós-doutoranda pela Universidade de São Paulo- Psicologia Clínica. Bolsista Fapesp. Membro do Fórum do Campo Lacaniano- SP. Coordenadora da Rede de Pesquisa em Sintoma e corporeidade- FCL-SP. Membro Fundadora do Circuito Ponto de Estofamento- MC-SP.

